



Ekpyrosis: Nenhuma política pode renunciar ao dom do fogo, e o mundo queima

Franco Berardi
Itália

Tradução

Claudia Vicari Zanatta

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

ORCID: 00-0003-1312-6203

Oswaldo (Vado) Vergara Borges

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

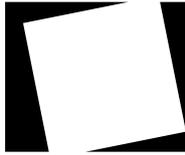
ORCID: 0009-0003-9153-5456

“Anders a denomina de vergonha prometeica. O titã não havia previsto o que a humanidade fez com a dádiva do fogo. Ele não havia previsto que o fogo transportado na carruagem do sol para a terra se tornaria um grande incêndio que consumiria o mundo em uma miríade de fornalhas.” (Sloterdijk, 2024, p. 39)

Há um mês o calor tem sido intenso, dia e noite, com picos de 38 graus. Me recordo que, quando era criança, às vezes a temperatura chegava a 40 graus, tenho uma vaga lembrança disso. Acontecia por um ou dois dias. Agora, o verdadeiro problema é a persistência sombria desse sol imóvel, esse mormaço que pesa sobre a cidade e parece eterno.

Estou deitado na cama ou em uma poltrona com o desumidificador ligado. E leio. Nesses dias, quem sabe para me ferir, insisto em ler um pouco sobre aquecimento global, ou colapso climático, como preferirem chamar. Talvez *ekpyrosis*, a dissolução do mundo no fogo, como denominou Heráclito, o filósofo que pensou o mundo como uma ininterrupta mudança.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

Agora leio *Falso allarme*, o livro de Bjorn Lomborg, um dinamarquês pesquisador em Stanford que gerencia um *think tank* e quer me convencer de que não há nenhum problema. Ele garante que tudo vai bem, e que é melhor não escutar os alarmes. Será que em Copenhague o clima é diferente de Bolonha? Em um primeiro momento pensei que Lomborg fosse somente um imbecil.

Ele não é.

A tese de *Falso allarme* é sensata: Lomborg não nega o aquecimento global, ainda que desaconselhe chamá-lo de *colapso climático*, para evitar dramas. Ele também não nega que se trate de um efeito da ação humana. Sua tese, no entanto, é de que embora possa causar alguns danos, esse fenômeno é controlável, mas não é nada comparável às vantagens econômicas e salutares que a modernidade nos trouxe. O que precisa ser feito, segundo Lomborg, é simples: investir recursos na geoengenharia que pode deter o aquecimento com chuva artificial de água do mar ou algo similar.

Tento deixar de lado meu estado ofegante, que me levaria a arremessar o livro pela janela, que aliás está rigorosamente fechada para evitar que o ar incandescente penetre na meia luz do meu quarto. E na primeira parte do livro, Lomborg alega que os incêndios não aumentaram em nada no último século, só que se tornaram mais desastrosos porque, devido ao aumento populacional na área urbana, os danos se multiplicaram.

Explique aos atenienses que estão lutando contra as chamas¹ que os culpados são eles, pois não deveriam se aglomerar em um só lugar. A parte mais interessante (e infelizmente, compartilhada) é dedicada à inutilidade da energia renovável e das políticas de transição energética em geral.

Apesar do enorme custo, as energias renováveis suprem apenas 1% da demanda energética mundial... Acabar com a dependência de combustíveis fósseis nos custaria centenas de milhares de bilhões de dólares. Os países que tentassem arcar com esses custos enfrentariam uma reviravolta política. Portanto, se contentam em gastar bilhões de dólares em projetos de energia solar e eólica, sem obter grandes resultados. As nações pobres não têm esse dinheiro para gastar. Para

1 N.T: O incêndio florestal de grandes proporções ao qual o autor se refere ocorreu em 2024 e foi considerado o pior do ano na Itália. Mais informações sobre o desastre pode ser conferida em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-08/incendio-florestal-na-grecia-se-espalha-e-causa-retirada-de-moradores>. Acesso em 13 de dezembro de 2024.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

elas a perspectiva de obter energia por meio de combustíveis fósseis permanece mais atraente (Lomborg, 2024, p. 148).

É difícil negar que as tentativas políticas de desacelerar a *ekpyrosis* são ineficazes ao ponto que toda a máquina política parece hoje em dia impotente de afrontar o maior dos problemas do gênero humano. Ocorre retornar à raiz da atual impotência: quando, em 1992, aconteceu a primeira cúpula global sobre o problema climático, o presidente dos EUA, George Bush pai, disse uma frase que explica tudo: “o modo de vida dos americanos não é negociável”. Isso significava: não nos importamos com a catástrofe porque estamos de acordo em continuar a consumir 4 vezes mais eletricidade que a média planetária. Como sabemos, os americanos não mudaram de ideia, e em breve poderão ter um presidente² para quem o *global warning* parece ser uma piada estúpida porque eles querem continuar a comer hambúrguer. Assim como George Bush e Donald Trump, também Lomborg desconsidera o fato de que não se pode reduzir o consumo de energia fóssil sem abandonar o modelo econômico existente, fundado sobre a acumulação de capital e expansão constante do consumismo.

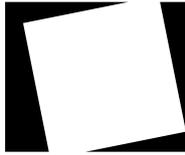
Lomborg não esconde, entretanto, que o aquecimento é aterrorizante e está bem próximo. Depois de destruir todo o castelo dos acordos de Paris e ter demonstrado que “todos os maiores países industrializados não estão respeitando os compromissos pactuados para reduzir as emissões de gases de efeito estufa”, conclui que “o século XXI verá o planeta aumentar a temperatura em 4.1°C.” (Lomborg, 2024, p. 170).

Portanto, é preciso investir na geoengenharia, nas tecnologias que tornarão possível a sobrevivência em um planeta superaquecido, enquanto os processos que provocam o aumento da temperatura ainda permanecem inalterados: sempre mais petróleo, mais *commodities* e mais guerra. E uma garoa artificial para refrescar qualquer área privilegiada da terra.

Também Gaia Vince (parece um feliz pseudônimo, mas esse é o nome verdadeiro de uma jornalista britânica que trata do clima) propõe uma visão não exatamente otimista, mas tranquilizadora, à sua maneira. Em seu livro intitulado *Il secolo nomade*, Gaia afirma que a humanidade emergirá graças às grandes migrações que concentrarão a população planetária na

2 N.T: O texto de Franco Berardi foi escrito antes de 5 de novembro de 2024 quando saiu o resultado da eleição estadunidense que elegeu o candidato republicano Donald Trump como presidente dos EUA.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

periferia de Londres e Edimburgo.

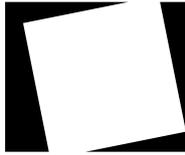
Na primeira parte do livro, a autora descreve o efeito devastador da mudança climática na faixa tropical do planeta, e anuncia que, nos próximos cinquenta anos, a temperatura elevada unida à umidade mais intensa tornarão impossível a sobrevivência de 3,5 milhões de seres humanos nas zonas em que se encontram atualmente. Fugindo dos trópicos, das zonas costeiras e das terras anteriormente cultiváveis, grandes massas de pessoas deverão buscar novos lugares nos quais poderão viver. Gaia explica que os seres humanos são uma espécie nômade que pôde evitar o apocalipse, espalhando-se em torno do paralelo 45; em outras palavras, acima do Rio Po. Todos na Lombardia, portanto. O delicado equilíbrio climático que tem permitido a sobrevivência da espécie humana foi destruído em poucas décadas de uso intenso de combustíveis fósseis, e não há programa realista capaz de voltar atrás. Tanto é verdade que o sistema de produção não indica minimamente a redução do uso desse tipo de combustível e, já que as coisas vão de mal a pior, melhor usar todo o petróleo que ainda resta.

E agora? A solução proposta por Gaia Vince seria genial se não fosse totalmente irrealista, como mostra a experiência dos últimos anos. Três milhões e meio de migrantes que se deslocam dos trópicos em direção ao polo norte, segundo a espirituosa jornalista. Entretanto, como sabemos, bastam algumas dezenas de milhares de migrantes para provocar uma reação violenta de xenofobia que corre ao longo de toda a linha do paralelo 45.

A onda obscura que atravessa a política é uma reação dos predadores que colonizaram e poluíram por cinco séculos, e sem intenção de compartilhar seu perigoso privilégio. O genocídio que aumenta ao longo de toda linha divisória entre o norte e sul global – campos de concentração para migrantes, afogamentos em massa pelo Mediterrâneo, prisões – é a comprovação de que a fala de Gaia Vince é uma utopia. A grande migração da qual ela se gaba – que está ocorrendo e continuará em curso –, coincide com uma guerra mundial entre os brancos ricos, super armados, contra uma imensa população desarmada que não pode ser detida, fugindo de lugares desertificados e inabitáveis.

Para voltar à realidade, depois da fantasia da geoengenharia de Lomborg e a utopia geomigratória de Vince, basta ler *L'età del fuoco* do canadense John Vaillant, livro que relata o monumental incêndio que atingiu em 2016 a cidade de Fort McMurray, centro produtor de petróleo

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

betuminoso. “O incêndio de Fort McMurray³, o desastre natural mais caro da história canadense, não se extinguiu depois de dias, mas depois de meses” (Vaillant, 2024, p. 17).

O livro de Vaillant narra, como se fosse um romance, a jornada na qual milhares de bombeiros vindos de todas as partes do país, tentaram conter o fogo, conseguindo salvar os habitantes, mas não a cidade. Porém, não se trata de um romance, porque de fantasia não tem nada. Embora o imprudente Lomborg diga que os incêndios florestais vem diminuindo no último século mesmo que a temperatura venha aumentando, o que afirma Vaillant é mais convincente porque corresponde à experiência contemporânea (enquanto escrevo o céu de Atenas está escurecido por incêndios gigantescos que cercam a metrópole).

Fort McMurray é um dos mais importantes centros de produção de petróleo, portanto o óleo invade cada espaço dessa cidade, o que tornou o trabalho de controle do fogo mais difícil, porque as casas dos operários do centro industrial eram feitas de derivados do petróleo.

Telhas de alcatrão, o revestimento externo, as janelas em vinil, a madeira impregnada de cola e resina, o chão em linóleo, a tapeçaria em polipropileno, os laminados revestidos de esmalte e vernizes inflamáveis, bem como os eletrodomésticos, roupas, móveis, mobiliário dos jardins, cobertores, colchões e embalagens de alimentos, tudo praticamente vinha do petróleo (Vaillant, 2024, p. 197).

Vaillant fala de Petroceno e indica que:

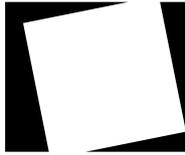
Em 2019 a economia mundial valia noventa bilhões de dólares e produzia quase toda a sua energia (84%) a partir de combustíveis fósseis. Estamos esgotando essa reserva de energia como se fosse infinita: hoje em dia, os humanos consomem cerca de 100 milhões de barris de petróleo bruto, e movimentam 40 milhões em todo o planeta. Mais de um terço dos transportes é usado no transporte do petróleo (Vaillant, 2024, p. 90).

Logo, as esperanças de acabar com o incêndio são poucas.

O planeta levou milhões de anos para acumular a energia fóssil que consumimos no último século e meio, e queimá-la em poucas décadas

3 N.T: Neste incêndio, uma grande parte da população foi obrigada a evacuar a cidade canadense de Fort McMurray, na província de Alberta, na maior operação de retirada de pessoas já realizada na história da região. Informações adicionais podem ser encontradas em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-05/incendio-florestal-obriga-evacuacao-de-60-mil-pessoas-de-cidade-do> Acesso em 12 de dezembro de 2024.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

está causando e causará impactos dramáticos... o acerto de contas entre dióxido de carbono e os humanos está só engatinhando, e para as gerações futuras será um fardo mais pesado que para nós... O castigo atingirá a todos, mas em particular os mais jovens, os inocentes, aqueles que ainda não nasceram. Nesse meio tempo a vida segue... (Vaillant, 2024, p. 470).

A resiliência aparece aqui por aquilo que é uma maldição da qual só há uma maneira de escapar: suspendendo a reprodução do gênero humano, que parece condenada pelo que Peter Sloterdijk define como “niilismo extrativista”.

As florestas primordiais de um passado longínquo, fossilizadas e liquefeitas, foram trazidas de volta ao tempo histórico e atualizadas no aqui e agora da era industrial por inúmeros incêndios gerados por máquinas. Aquilo que consideramos civilização moderna é, na realidade, o efeito das queimadas florestais que o nosso presente provoca nas ruínas da antiguidade da Terra. A Humanidade moderna é um grupo de piromaníacos que atea fogo em florestas e em charnecas subterrâneas (Sloterdijk, 2024, p. 27).

Em seu livro, Sloterdijk reconstrói em termos marxistas a gênese do Petroceno: o aumento da composição orgânica de capital (a introdução das máquinas que reduzem o peso relativo do trabalho humano na produção de mercadorias) é resultado possível da revolução técnica da qual a eletricidade e o petróleo são instrumentos essenciais.

“O resultado (da aplicação dessas tecnologias) por todo indivíduo adulto corresponde à capacidade de trabalho que tiveram de vinte a cinquenta escravizados domésticos, e em alguns casos, muito mais” (Sloterdijk, 2024, p.60)

Por isso nenhuma política pode induzir os cidadãos do mundo contemporâneo a renunciar ao dom do fogo, ou ao menos limitá-lo, de forma compatível com a salvaguarda de um clima habitável: não há nenhuma possibilidade “política” de impedir a autodestruição, que Sloterdijk define citando o termo de Heráclito, *ekpyrosis* (dissolução do mundo no fogo).

Provavelmente, nos dias de hoje, apenas uma tecnologia ainda não cogitada para este fim (como a nanotecnologia) poderia interromper essa corrida, mas é improvável (embora não impossível) que alguém seja capaz de investir recursos necessários para voltar atrás. Ainda mais que a *ekpyrosis* já está em andamento, e os recursos disponíveis que estão

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

sendo investidos vem tanto para apagar incêndios florestais, quanto para acender novos focos de fogo em uma guerra que mantém os humanos em pânico, aqueles que atearam fogo em todos os cantos da Terra.

Referências

LOMBORG, Bjørn. *Falso allarme*: Perché il catastrofismo climatico ci rende più poveri e non aiuta il pianeta. Roma: Fazi Editore, 2024.

SLOTERDIJK, Peter. *Il rimorso di Prometeo*. Dal dono del fuoco al grande incendio del pianeta. Venezia: Marsilio, 2024.

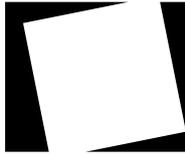
VAILLANT, John. *L'età del fuoco*. Una storia vera da un mondo sempre più caldo. Milano: Iperborea, 2024.

VINCE, Gaia. *Il secolo nomade*. Come sopravvivere al disastro climatico. Torino: Bollati Boringhieri, 2023.

FRANCO BERARDI

Graduado em Estética pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Bolonha. Militante desde a adolescência, passou pela Juventude Comunista, foi figura de destaque no Potere Operaio durante maio de 1968 e atuou no movimento anarcossindicalista italiano nos anos 1970. Fundou a revista *A/traverso* (1975–81) e fez parte da equipe da rádio Alice, primeira rádio livre da Itália (1976–78). Com Antonio Negri e outros intelectuais envolvidos no Movimento Autonomista italiano, exilou-se em Paris, onde trabalhou com Félix Guattari e frequentou os seminários de Michel Foucault. Nos anos 1980, contribuiu com revistas como *Semiotext(e)* (Nova York), *Chimères* (Paris), *Metropoli* (Roma), *Musica 80* (Milão) e *Archipiélago* (Barcelona). Em 1992, ajudou a fundar a revista *DeriveApprodi* e, em 1997, a editora homônima, com catálogo de temas políticos. Foi professor de Teoria da Mídia na Accademia di Belle Arti, em Milão, no Programa d'Estudis Independents, em Barcelona, e no Institute for Doctoral Studies in Visual Arts.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.50

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

CLÁUDIA VICARI ZANATTA (TRADUTORA DO ARTIGO)

Artista. Professora do Departamento de Artes Visuais/IA/UFRGS, onde atua no Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação (PPGAV). Graduada em Artes Visuais e em Ciências Biológicas, mestra em Artes Visuais pela mesma instituição e doutora em Arte Público y Poéticas Visuais - Universidad Politécnica de Valencia (Espanha) e UFRGS. É líder do Grupo de Pesquisa CNPq Poéticas da Participação. Membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4580841303139412>

E-mail: claudia.zanatta@ufrgs.br

OSVALDO (VADO) VERGARA BORGES (TRADUTOR DO ARTIGO)

Artista visual formado em Produção Audiovisual pela PUC-RS, Mestre e Doutorando em Poéticas Visuais pelo Instituto de Artes, PPGAV / UFRGS. Desenvolve pesquisa voltada à arte contemporânea e cidade e participa do Grupo de Pesquisa CNPq Poéticas da Participação: articulação entre poética e cidadania, no qual desenvolve pesquisa com foco nas questões urbanas e arte pública participativa. Participou de exposições coletivas e individuais e seus trabalhos já foram premiados e circularam por mais de cinquenta festivais nacionais e internacionais, museus, galerias e mostras de cinema e vídeo arte. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9824357910579177>

E-mail: vadovergara@gmail.com

Como citar: F. (2024). Ekpyrosis: Nenhuma política pode renunciar ao dom do fogo, e o mundo queima. PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais, 28(50).

Doi: <https://doi.org/10.22456/2179-8001144834>